

O VALE DA PROMISSÃO: DEMARCAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E CONFLITO EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL

Luan Moraes dos Santos*

Resumo

A constituição brasileira de 1988 prevê que as terras de comprovada presença indígena sejam demarcadas. Porém o município de Palmeira dos Índios – AL tem, por muito tempo, sido exceção; seja pela ação das elites da região ou por falta de responsabilidade do poder público. A intenção deste artigo é mostrar e discutir os elementos envolvidos no conturbado processo de demarcação. Assim, partiremos de pressupostos teóricos de Fernand Braudel (1978), Edson Silva (2008) e E. P. Thomson (1998) entre outros autores que discutem história, cultura e território como forma de elucidar as questões do tempo presente.

Palavras-chave: Contenda. História. Reflexão.

Abstract

The Brazilian Constitution of 1988 provides that the lands of proven indigenous presence are marked. However the city of Palmeira dos Índios – AL, for a long time, has been an exception; or by action of the elites of the region or lack of government responsibility. The intent of this article is to show and discuss the elements involved in the troubled process of demarcation. For this, we use theoretical assumptions of Fernand Braudel (1978), Edson Silva (2008) e E. P. Thomson (1998) and other authors who discuss history, culture and territory in order to elucidate the issues of the present time.

Key words: Strife. History. Reflection.

Considerações iniciais: o aniversário da cidade

Carros de som por todos os lados declamando a esmo: “A FUNAI é uma ameaça! Juntem-se a nós e defendam seus direitos! Não à Demarcação!”

Era 20 de agosto do ano de 2013. Palmeira dos Índios amanheceu ensolarada, e hiperativa naquele dia, aniversário de emancipação política, momento de comemoração não só para o município, mas também para os fazendeiros da região que se dispunham de maneira aberta a cooptar a população para defender seu ponto de vista, num ato público que denominavam “Movimento Palmeira de Todos”.

Uma semana antes, garotos distribuíaam panfletos freneticamente. Em tom de convocação, a mensagem impressa no papel apelava para que a população se fizesse presente nesse ato, anunciado como a única forma de protegerem a cidade do atraso econômico e da maldade da FUNAI. As emissoras de rádio, em seus principais programas jornalísticos, já anunciavam o movimento como um ato público do interesse de todos.

No panfleto constavam as seguintes inscrições: “Movimento Palmeira de Todos! Contra a demarcação de terras em Palmeira dos Índios. Vem pra rua!” Incluir-se-ia também aos apoiadores do movimento, organizações sindicais que representavam os principais segmentos econômicos do município entre eles políticos e magistrados, convocavam também os moradores das zonas urbana e rural.

* Graduando do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, membro do Grupo de Pesquisa em História dos Povos Indígenas de Alagoas - GPHI/AL e pesquisador voluntário PIBIC/FAPEAL vinculado ao Núcleo de Estudos Políticos Estratégicos Filosóficos - NEPEF. E-mail: lmoraes2xm@gmail.com

Um dos monumentos de maior relevância cultural da cidade estava encoberto por faixas que continham mensagens contra a demarcação. A ‘casa museu’ (Foto 1), como é conhecida a residência onde morou o escritor Graciliano Ramos permanece ainda com estilo e arquitetura do início do século XX, suas janelas e portas são de madeira, um tipo bem antigo. No seu quintal fora feito um auditório, a muito tempo abandonado, contudo já não realizam eventos lá, pois o teto cheio de buracos por onde se pode, sem muito esforço, ouvir o som dos morcegos, denuncia a situação de abandono com tão belo patrimônio material.

Um aglomerado de pessoas conversava desenfreadamente na calçada; falavam de tudo (da colheita, da vida dos vizinhos, dos filhos, das novelas etc.) menos da demarcação, estavam por lá e pouco sabiam sobre o tema (estavam a crer que perderiam suas terras caso ocorresse demarcação), esperavam pelo prefeito do município e seus aduladores. Duas horas haviam se passado, e nada do prefeito aparecer. Cães perambulavam pelas ruas. As vezes sozinhos, as vezes em matilha. Uns eram um tanto sarmentos, outros grandes e alguns pequenos.

Os carros de som anunciaram a chegada dos representantes dos sindicatos e demais elites locais. Começaram discursando sobre o disparate da demarcação e os malefícios acarretados com a desapropriação das terras dos pequenos produtores – alegam estar defendendo os menos favorecidos – discursos permeados por erros ortográficos.

Após uma hora de discursos infundados, o prefeito é anunciado. Todo arrumado, de terno, gravata e tudo o mais que se exige dos ditos civilizados, acompanhado é claro, de um ar de superioridade e perigo. Os advogados discursaram em apoio à causa dos posseiros, dizendo ser contra a lei, tal delimitação territorial. Aquilo tudo parecia um teatro e uma cena muito comum era representada.

Lá estavam o prefeito, seu cunhado deputado – um figurão de aparência truculenta, conhecido na região por sua ligação com uma empresa de rádio local –, como de costume, estavam rodeados de assessores e simpatizantes. Para completar a trupe, acabava de chegar um deputado federal, futuro governador, que apoiava claramente os posseiros, além disso exibiam um documento, era uma ata da reunião que haviam tido com os senadores de Alagoas para discutir o tema; mais uma vez a oligarquia alagoana mostrou a que veio e o clientelismo se fazia lei na prática.

Tinha fazendeiro que cogitava atear fogo na propriedade caso fosse ameaçado, o argumento mais utilizado era o de que os índios são preguiçosos e não cultivariam a terra – isso foi proferido aos gritos –, um grande jogo de fingimentos, um verdadeiro teatro, o que aquilo representava; o palco era a casa de Graciliano, os bonecos eram as pessoas e os ventríloquos estavam personificados nos políticos, uma vez que, eram os grandes proprietários da região.

Localizando: apontamentos sobre o campo da pesquisa

Distante cerca de 135 km de Maceió, Palmeira dos Índios¹⁷ é uma cidade da região agreste do Estado de Alagoas cuja a história data do ano de 1773, com o surgimento de uma missão indígena. Adquiriu o status de vila em 1835 e emancipou-se politicamente em 1889. Atualmente, com 126 anos, tem economia fundamentada, principalmente, na agropecuária, com predominância do latifúndio, mas já produziu algodão e foi um dos centros comerciais mais proeminentes de Alagoas, possuindo ferrovia que, outrora, escoava a produção à capital do Estado. O clima é semiárido por estar localizada em uma região de transição entre o litoral e o sertão. Dona de cultura extremamente rica, considerada a terra do escritor Graciliano Ramos, do ator Joffe Soares, do historiador Luiz B. Torres, dos extintos e suntuosos cinemas entre outros ícones do legado cultural.

¹⁷ Para mais informações sobre o município de Palmeira dos Índios ver: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=270630&search=alagoas|palmeira-dos%C3%8Dndios>

Os índios da etnia Xukuru-Kariri, habitam a zona rural do município. Aparecem na história oficial ora como mito, ora como ameaça e, em outros momentos, como slogan de vários estabelecimentos comerciais que se aproveitam da associação do município com os índios, como atrativo, na mesma medida que negam sua existência. Criaram-se lendas, popularizadas na região de forma romaneada e que encobrem os conflitos existentes.

Portanto, as elites locais têm reservado “[...] as melhores coisas para si, não concedendo, com raras exceções, nem dignidade nem liderança às aldeias, mas, na verdade, depreciando o seu valor e a sua cultura.” (THOMPSON, 1998, p. 26) Nesse sentido, a lenda é passada por gerações, de forma romantizada para encobrir a situação dos povos que ainda hoje lutam por reconhecimento, pela terra, e pelas matas dessa região dominada por latifúndios.

A disputa pela memória é, sem dúvidas, uma constante em nossa abordagem, uma vez que, “[...] negar outrem, já é conhecê-lo.” (BRAUDEL, 1978, p. 42) É nesse contexto que ponderaremos sobre os conflitos territoriais na região, compreendendo que o ato de negar o e sabotar a cultura indígena é, também, uma forma de afirmar a presença desses povos na região, reconhecendo-os como uma ameaça ao *status quo*.

Veredas: um vale inundado de lágrimas

O poeta chileno Pablo Neruda é o autor de diversos poemas. Dentre seus versos, alguns dos mais famosos constituem a história de Tupac Amaru (1971), que narra a conquista da América pelos espanhóis. Os versos que seguem, são extraídos dessa obra. Representam os índios que, após pegarem em armas, se encontram como sobreviventes; tem em si as cicatrizes da invasão como memórias dos castigos sofridos com todo o seu corpo sacudido pelo soluço do choro e da perda, gerando uma cascata com as lágrimas.

El indio te mostró la espalda
en que las nuevas mordeduras
brillaban en las cicatrices
de otros castigos apagados,
y era una espalda y otra espalda,
toda la altura sacudida
por las cascadas del sollozo.

Era un sollozo y otro sollozo.
Hasta que armaste la jornada
de los pueblos color de tierra,
recogiste el llanto en tu copa
y endureciste los senderos¹⁸ (NERUDA, 1971, p. ◡)

¹⁸ O índio te mostrou o ombro
no qual as novas mordidas
brilhavam nas cicatrizes
de outros castigos apagados,
e era um ombro e outro ombro,
todas as alturas sacudidas
pelas cascatas do soluço.

Era um soluço e outro soluço.
Até que armaste a jornada
dos povos cor de terra,
recolheste o pranto em tua taça
e endureceste as veredas.

O escritor Luiz B. Torres (1973), em sua obra, se refere a Palmeira dos Índios, por muitas vezes como Vale da Promissão em alusão aos primórdios da ocupação da região, que a todos enchia os olhos pela fertilidade de suas terras. A cidade de fato prosperou, pelo menos até final dos anos 1960. Mas a que custo? Encima de quantos cadáveres estamos pisando?

Fazendo uma conexão com os versos de Pablo Neruda é possível comparar a história dos Xukuru-Kariri com a história de Tupac Amaru. Restam-lhe as cicatrizes e uma vontade de lutar, amparada nas lágrimas derramadas por todos aqueles que, como costumam dizer, tombaram na sua causa, parentes que há muito estiveram ombro a ombro em defesa de seu povo. Tendo experimentado a guerra e a morte, os índios se endureceram, silenciaram e blindaram sua cultura dos intentos daqueles que lhes afligiam.

E Palmeira dos Índios? Está dividida. Não em dois blocos, mas em três; de um lado os indígenas, reivindicando os seus direitos garantidos constitucionalmente; do outro os posseiros das terras estudadas para o processo de demarcação, movendo seus titeres nas sombras; e por fim e não menos obstatante, o povo. Sim os habitantes, os cidadãos, os eleitores. Em suma, o gado que ao aboiar dos vaqueiros é controlado para tomar a direção que seus condutores desejam.

O Vale da Promissão tornou-se, enfim, um Vale de Lágrimas.

Movimento: os posseiros se organizam contra demarcação

Naquela terça-feira, 20 de agosto do ano de 2013, em uma manhã nublada e quente, os posseiros e seus simpatizantes se organizaram contra a eminência de demarcação de terras em Palmeira dos Índios – AL. Dia em que se comemorava 124 anos da emancipação política do município. Nem mesmo às festividades ocasionadas pelo feriado municipal, foram suficientes para acalmar os ânimos, acharam por bem aproveitar a data para realizar uma mobilização contra o reconhecimento e demarcações de terras indígenas pertencentes à etnia dos Xukuru-Kariri.

O movimento teve (e ainda tem) à frente, os grandes fazendeiros da cidade; figuras políticas influentes como o prefeito, vários vereadores, alguns deputados e até mesmo senadores, que são grileiros de uma grande parte das terras visionadas no processo demarcatório. A Casa Museu de Graciliano Ramos foi o local escolhido para a concentração dos participantes do manifesto. Escolhida, sobretudo, pela influência de seu nome e por ser, um dos principais pontos turísticos e históricos da cidade.

Os argumentos desses posseiros constituem-se, basicamente, na afirmação de que não existem índios na região e na classificação dos habitantes das aldeias pelo simples e arbitrário critério de pureza racial. Fazem referência às características físicas, ressaltando aquelas que ultrapassam os seus limitados conhecimentos. “Amparados pela legislação e utilizando regras estabelecidas por eles próprios, os grandes fazendeiros, pouco a pouco, com a ocupação de cargos, foram impondo o controle político hegemônico [...]” (SILVA, 2008, p. 113)

Para manter sua preeminência, buscam apoio de políticos, padres, advogados entre outros que fazem parte de segmentos privilegiados da população e assim alcançam o público maciçamente. Percebemos que não foi por acaso que um ponto turístico de tamanha relevância foi utilizado como sustentáculo de divulgação dos argumentos contra demarcação.

Evidenciamos que a disputa territorial sai do campo físico para o ideológico, para conquistar apoio popular, já que os líderes do movimento dispõem das rádios, jornais e demais mídias, podendo atingir o público maciçamente. Assim a população, que não está envolvida no processo demarcatório, é condicionada a aceitar as ideias dos políticos de forma análoga ao período

eleitoral, que como bem sabemos, baseia-se no jogo de belas palavras, troca de favores e promessas de campanha.

Assembleia: A política territorial indígena nas aldeias do povo Xukuru-Kariri

Quarta-feira, nono dia do mês de outubro, ano: 2013. Fazia calor.

A 7 quilômetros do centro de Palmeira dos Índios, o povo Xukuru-Kariri se reunia em assembleia geral para discutir os rumos que o processo de demarcação territorial tomara. Era também um momento de interação entre o povo e várias organizações que, de uma forma ou de outra, debatiam os mesmos assuntos. Tratar de política na aldeia, tornou-se um elemento do cotidiano dos índios, que desde pequenos aprendem a exercer suas funções dentro da aldeia e a tomar partido pela causa de seu povo.

O ar daquele lugar exalava um cheiro doce de fumaça e ervas. Em uma grande faixa, pintada a mão, localizada no centro do local estava escrito “V Assembleia do Povo Xukuru Kariri Terra é mãe, fonte de vida e bem viver!” – um lema muito bem planejado –meses antes, os posseiros haviam se reunido para difamar os mesmos índios que forjaram tal lema.

Havia casas de taipa, por todos os lados estávamos em uma propriedade que fora recentemente ocupada pelos índios, como sinal de retomada territorial, pois não se conformavam com a situação, uns com tantos e eles que precisavam da terra para sobreviver dispunham de tão pouco. O piso de barro vermelho batido combinava com as casinhas tão simples, que pareciam ter brotado do chão. As crianças brincavam e corriam, era o encontro de uma geração em plena luta que passava seus valores aos mais novos. Também era possível ver plantações de mandioca, inhame e alguns cajueiros.

Fomos recebidos pelo Pajé, um homem alto e sério, estava pintado. Em sua mão direita um maracá, na esquerda um cachimbo e na cabeça um cocar feito com penas brancas e pretas combinado com a pintura corporal. Ele nos levou a um galpão localizado mais ao fundo do local.

Uma faixa, grudada na parede, ostentava o lema da assembleia. Era, porém, feita com letras de papel emborrachado coladas em um tecido amarelo, a direita estava uma mesa, ornada com palhas verdes de palmeira Ouricuri. Ao fundo, um banner com fotos e inscrições sobre suas lideranças que já haviam tombado durante a luta por terras na região.

Estavam no local, quando a assembleia se iniciou, líderes de algumas aldeias e também um advogado da FUNAI, que nos falou sobre o processo de demarcação das terras de Palmeira dos Índios. Ele disse que o juiz estava demorando para aprovar a proposta pois estava a escrever as justificativas; o ambiente estava repleto de índios e outros estudiosos do tema, inclusive membros do Conselho Indigenista Missionário-CIMI, que é um órgão da Igreja Católica, inserido nas ações dos indígenas.

Quem liderava a assembleia era o Pajé e uma mulher de aspecto rígido, muito cautelosa em suas palavras, porém conhecia os temas e sempre fazia perguntas ao advogado. Os dois eram lideranças do povo Xukuru-Kariri e participaram ativamente de sua assembleia. Com isso podemos fazer uma comparação entre os argumentos dos posseiros (que não existem índios) e os dos índios, que provam sua existência agindo como seres pensantes e politizados.

A assembleia contou ainda, com a presença do vice-cacique do povo Xucuru de Ororubá juntamente com outros líderes daquele povo do município de Pesqueira – Pernambuco. Tal presença mostra que, os Xukuru-Kariri tem apoio de índios de outra região os quais, servem de exemplo devido seu histórico de lutas e também pelo legado deixado por seu já falecido cacique Xicão Xukuru. Dois jovens índios do povo Xucuru, apresentaram vídeos que foram produzidos em suas aldeias, sobre a história de seu povo e mostraram aos Xukuru-Kariri que é possível se unir para conseguir o que desejam.

Desde 2013 a demarcação e ações do governo municipal (que vem tentando a qualquer custo, barrar o processo, o que tem funcionado, pois a demarcação ainda não ocorreu oficialmente) são o centro das discussões. Vale lembrar que, existem discordâncias internas entre os Xukuru-Kariri e por isso nem todas as aldeias participam da assembleia.

A política palmeirense é imprevisível, ainda existem muitos pormenores; clima típico de cidade pequena onde as ‘autoridades’ mandam e desmandam. Coisas acontecem às escondidas e a população só fica sabendo através da mídia, muito tendenciosa como mencionado anteriormente. Ainda em 2013, o prefeito de Palmeira dos Índios, em sessão no senado proferiu um discurso eloquente, requisitando apoio na sua causa e repetindo que aqui não existe índio e que os poucos que se dizem como tal, não passam de malandros e aproveitadores.

Considerações finais: um desfecho para a pesquisa

Vimos anteriormente, que as disputas territoriais são parte do cotidiano de Palmeira dos Índios; uma cidade dividida pelo conflito. Em seguida, refletimos sobre a situação desses indígenas nos dias atuais e, ainda, abordamos os principais movimentos perpetrados contra e a favor da demarcação territorial e como as lideranças de ambos os lados atuaram para conseguir apoio.

O Movimento Palmeira de Todos foi um momento excêntrico da história que se passa ao nosso redor. Ver as elites se juntando para concretizar seus objetivos revelou que as informações podem ser maquiadas e vendidas nas mídias como se fossem propagandas eleitorais, com o intuito de cooptar as pessoas que estão por fora da questão territorial. Quanto as mobilizações dos indígenas, é importante destacar a sua inserção na política territorial como algo extremamente singular

Enfim, para compreendermos um tema que gera tantos conflitos, temos que, conhecer aquilo que queremos criticar, para não incorrer no mesmo erro que os posseiros ao classificar os índios como aculturados e pouco representativos de uma ‘raça’. Temos de ter em mente, que os índios do nordeste têm algo que os define, algo que é desconhecido e que os une como povos aptos para lutar tanto abertamente, quanto politicamente por seus direitos.

Referências

- BRAUDEL, Fernand. **Escritos Sobre a História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- NERUDA, Pablo. Tupac Amaru. In: **Canto General**. Disponível em: www.cervantesvirtual.com/.../canto-general.../ff2585f4-82b1-11df-acc7-Acesso em: 23 de março de 2016
- SILVA, Edson Hely. **Xucuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE)**, 1959-1988. Tese (doutorado) apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2008.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Revisão técnica: Antônio Negro. Cristina Menguello. Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TORRES, Luiz B. **A terra de Tilixi e Txiliá: Palmeira dos índios séculos XVIII e XIX**. Macció: IGASA, 1973.

Enviado em 30/04/2016

Avaliado em 15/06/2016